

1. Grammaire de la langue portugaise (Celso Cunha, 1972)

1.1. Objectifs pedagógicos

“Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber...” (p. 199).

“Como artifício didático para aprender-se o mecanismo das conjugações...” (p. 374).

1.2. Questions de norme: la “bonne norme”

“Nesse caso é de boa norma repetirmos o pronome” (p. 302); “Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem” (p. 456); “... o discurso indireto livre permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados” (p. 630);

“... e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido” (p. 243); “Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele (ela)* para...” (p. 289); “O *subjuntivo* é de regra nas *orações adjetivas* que exprimem” (p. 445).

“Quando se quer dar mais ênfase à frase, costuma-se...” (p. 167); “Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é *mobilar*, conjugada regularmente...” (p. 405).

“Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição” (p. 295); “... que deve ser conhecida para evitar-se a frequente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas” (p. 377).

“Nestes casos pode-se dispensar o artigo...” (p. 225); “Hoje a concordância é facultativa...” (p. 444); “Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido” (p. 247).

1.3. Variation diachronique

“Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com...” (p. 491); “Na língua moderna, tem ele [pronome possessivo] assumido valores variados...” (p. 317); “Esta construção, que não era rara no português médio, só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial” (p. 354); “É raro nos escritores modernos, mas muito frequente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo haver, como verbo principal” (p. 496);

“*Bilhão* que também se escreve *bilião*, hoje representa “mil milhões”. Mas significava outrora “um milhão de milhões”...” (p. 361); “Em alguns escritores modernos vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado” (p. 439); “Cumprer evitar-se ima incorreção muito generalizada, que consiste em dar forma oblíqua ao sujeito do verbo infinitivo” (p. 296).

1.4. Variation régionale

“Pela simples entoação distinguimos, por exemplo, a fala de um português da de um brasileiro e, entre brasileiros, a de um carioca da de um nortista, de um gaúcho, de um mineiro, etc” (p. 174); “com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estrouto*, *essoutro*, *aqueloutro*, desusados no português coloquial do Brasil” (p. 328); “No português europeu, a forma pronominal *tu* é de emprego geral. No português do Brasil, o seu uso restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território nacional foi ela substituída por *você*” (p. 292); “As formas de tratamento cerimonioso se usam muito

menos no Brasil do que em Portugal” (p. 293); “A colocação dos pronomes átonos no Brasil difere apreciavelmente da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica” (p. 312); “A construção de *estar* (ou *andari*) + *gerúndio*, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma. Na língua moderna de Portugal predomina a construção, de sentido idêntico, formada de *estar* (ou *andar*) + *preposição a* + *infinitivo*” (p. 382); “Em lugar de *menor* usa-se também *mais pequeno*, que é a forma preferida em Portugal” (p. 263); “A par de *quer*, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, há *quere*, forma preferida em Portugal” (p. 414); “Além de *aceito*, há a forma irregular *aceite*, mais usada em Portugal” (p. 428).

1.5. Langage courant, langage familier, langage populaire, langage vulgaire

langage littéraire, érudit ou savant

“Na linguagem coloquial, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*” (p. 295); “Na linguagem corrente do Brasil evitam-se as formas de sujeito composto que levam o verbo à 2ª pessoa do plural...” (p. 467); “Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, à semelhança de *haver*” (p. 143).

“Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o mais-que-perfeito simples em lugar de...” (p. 437); “Os demais [multiplicativos] pertencem à linguagem erudita” (p. 365).

“A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição *entre* (...). Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, sintaxe que se vai insinuando na linguagem literária” (p. 298); “Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito frequente no colóquio diário, já se vem insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo” (p. 487); “Esta construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial brasileira e tende a dominar também na língua literária...” (p. 494); “Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos *entupir* e *desentupir*. Alguns gramáticos, porém, em luta contra a realidade, pretendem que neles (...) só se devem legitimar as antigas formas com *u...*” (p. 402).

“Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma *silabada*, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia” (p. 66); “Construções do tipo (...) embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas” (p. 497); “Além de sua função linguística, a pontuação tem uma utilidade social. Um texto mal pontuado é de acesso difícil e, em geral, deixa no leitor uma penosa impressão de ignorância ou de desleixo daquele que escreveu. E dar de si uma tal impressão pode ter repercussões nefastas na vida prática” (p. 618); “Quando no sujeito composto há um da 1ª pessoa no singular (eu), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar” (p. 288).

1.6. Les groupes d’usages dans les grammaires de Celso Cunha (1972) et de Reis Lobato (1770)

Grammaire de Celso Cunha (1972)

Norme “cultivée”

Hors la norme

| 1° | 2° | 3° | 4° | 5° |
|---|---|---|---|---|
| des usages naturels ou prescrits (qui sont ou qui doivent être) | des usages acceptés (qui peuvent être) : des variantes diachroniques régionales et langage familier | des cas douteux (qui peuvent être ou ne pas être): le langage populaire | des usages interdits (qui doivent ne pas être), mais qui sont employés par des usagers cultivés | des usages qui ne sont pas, qui n’existent pas (ils ne sont pas inclus dans la grammaire) |

Grammaire de Reis Lobato (1770)

Norme “cultivée”

Hors la norme

| 1° | 2° | 3° |
|-----------------------------------|--|--|
| des usages naturels, qui existent | des usages acceptés, qui peuvent être: des variantes diachronique et d’usage | des usages qui ne sont pas, qui n’existent pas (ils ne sont pas présentes dans la grammaire) |

Les tableaux au-dessus montrent que, pour Celso Cunha, les usages 1 et 2 appartiennent à la norme cultivée, les usages 3 se placent à la frontière et les usages 4 e 5, sont hors la norme, alors que pour Reis Lobato, les limites sont plus clairement démarqués: les usages 1 et 2 sont la norme et les autres n’existent pas.

1.7. Modalités écrite et parlée

“Entre o aposto e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por vírgula, ou, em casos especiais, por dois pontos, travessão ou parênteses” (p. 163); “Na escrita o vocativo normalmente vem isolado por vírgula, como no exemplo acima, ou seguido de ponto de exclamação, como no seguinte” (p. 168); “Em virtude da acentuada pausa que existe entre as orações acima, podem elas ser separadas na escrita, por ponto e vírgula” (p. 595);

“Vossa Excelência só se emprega... E assim mesmo quase que exclusivamente na língua escrita e protocolar” (p. 293); “Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (...), não há prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se evitar a contração...” (p. 217); “... deixou a língua falada do Brasil de dizer *vem-me* ver (...) para dizer *vem me-ver*...” (p. 312); “Podem [ditongos crescentes], no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um hiato: gló-ri-a, cá-ri-e, vá-ri-o, etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha...” (p. 59); “Na língua falada o *futuro simples* é de emprego relativamente raro. Prefere-se, na conversação, substituí-lo por locuções...” (p. 439) (2° b);

“Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo *ter* como impessoal, á semelhança de *haver*. Escritores modernos – e alguns dos maiores – não têm duvidado em alçar a construção à língua literária” (p. 143); “A construção com objeto direto de “pessoa” (...) é a predominante na linguagem coloquial brasileira, razão por que nossos escritores atuais não têm duvidado em acolhê-la” (p. 492); “Na linguagem coloquial, emprega-se *a gente* por nós e, também, por *eu*: ‘Disse: - *a gente* tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças...’ (G. Rosa, PE, 13) (p. 295); “Esse pronome de interesse, também conhecido por dativo ético ou de proveito é de uso frequente na linguagem coloquial, mas por vezes aparece na pena de escritores e, não raro, produzindo belos efeitos” (p. 301) (2° b);

“Substantivado, *algum* se usa, popularmente, na acepção de “dinheiro”: *ter algum*. Estar com *algum*” (p. 337) (3°);

“Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele (s)*, *ela (s)* como objeto direto em frases do tipo; *Vi ele*; *Cumprimentei ela*. Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma (...), deve ser hoje evitada” (p. 290) (4°).

1.8. Le discours de la norme de la langue parlée (Celso Cunha)

| 1° | 2° | 3° | 4° | 5° | |
|---|--|--|---|--|--|
| langue écrite et langue parlée | a) langue écrite et langue parlée | b) langue parlée | langue parlée | | |
| usages “naturels” ou prescrits (qui sont et qui doivent être) | variantes acceptées (qui peuvent être), variantes dyachroniques courantes, variantes régionales. | variantes acceptées, dans la langue parlée informelle (“coloquial”) et qui commencent à être incorporées dans la langue écrite | cas douteux (qui peuvent être et qui peuvent ne pas être), acceptés dans la langue parlée, repusés dans la langue écrite: langage populaire | usages interdits (mais employés, dans la langue parlée par des usagers “cultivés”) | usages qui ne sont pas inclus dans la grammaire (qui ne sont pas, qui n’existent pas). |

2. Grammaire d’usages du portugais (Maria Helena de Moura Neves, 2000)

2.1 Objectifs

La *Grammaire d’usages du portugais* est présentée comme une grammaire dont l’objectif est de montrer comment la langue portugaise est, actuellement, employée au Brésil (“mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil” (p. 43)), c’est-à-dire qu’elle essaye de faire une description des usages effectifs des items de la langue (“prover uma descrição do uso efetivo dos itens da língua” (p. 14)) ou de la “langue vivante”, en fonctionnement. En outre, la grammaire considère que l’unité majeure de fonctionnement de la langue est le texte (p. 15) et elle explicite sa perspective théorique, celle de la linguistique fonctionnelle, et, dans cette direction, considère que les éléments linguistiques sont multifonctionnels.

2.2 Commentaires (#) et remarques (Obs:)

com verbo *IR no passado*, a indicação é de futuridade dentro do passado (p. 65) (avec le verbe *aller* au passé, l’indication est de futurité dans le passé).

observe-se que essas construções só ocorrem com adjetivos participiais (p. 282) (Il faut noter que ces constructions n’ont lieu qu’avec les adjectifs participiaux).

Obs: Essas construções são examinadas na Parte II, **O pronome pessoal** (p. 65) (Ces constructions sont examinées dans la Part II, **Le pronom personnel**).

Obs: Esta questão é retomada nas partes II e III sobre **artigos**, (**definido e indefinido**). **Aqui se faz uma exposição genérica** (p. 69) (Cette question est reprise aux parts II et III sur des **articles (défini et indéfini)**. **Ici, on ne fait qu’une exposition générique**) ;

Obs: Essa questão é desenvolvida em **O adjetivo** (1.3) (p. 73, 88, 112, 172) (Cette question est développée dans **L’Adjectif**).

2.3 Questions de norme: la variation des usages

“... com os nomes de processo, só a preposição **de** introduz argumento A1” (p. 97);

Em alguns casos, esses argumentos podem vir introduzidos pela preposição **entre** (p. 49)

É possível tanto o A1 (subjetivo) como o A2 (objetivo) terem a forma **de + substantivo** (p. 97)

“**Nomes próprios** de pessoas (tanto nomes como sobrenomes) se pluralizam normalmente, como os **substantivos comuns** (...). Entretanto, é comum que, especialmente no caso dos sobrenomes, a pluralização seja feita apenas pelo **determinante**” (p. 172):

“... há três possibilidades de pluralização: nos dois elementos ou em cada um deles. Entretanto, o mais comum é que a palavra não varie” (p. 229).

“Posposto – Essa é a posição mais frequente na linguagem comum, a menos marcada (...). Anteposto – Essa é a posição mais marcada, e, por isso mesmo, ela é bastante ocorrente nas obras literárias, já que dá grande efeito de sentido, especialmente o efeito de maior subjetividade” (p. 201).

Tem de ser observado que, em muitos desses casos, *fica evidente* que as construções correspondentes com **verbos plenos** não são viáveis, ou são estranhas: **gritar lancinamente, *riu vaziamente e largamente, *vistoriar caprichadamente, *impulsionar vigorosamente e novamente*” (p. 56).

2.4 Variations de registre, de formalité et de genre textuel:

“Pode-se optar pelo **verbo-suporte** para se obter maior adequação de **registro**, isto é, a construção com **verbo-suporte** pode ser adequada, por exemplo, à **fala coloquial**” (p. 57).

“Pode-se escolher uma construção com **verbo-suporte** num **texto científico ou técnico** por essa construção pertencer ao **jargão da área**” (p. 57).

“Nessas ocorrências percebe-se que os **sintagmas objetos** dos verbos-suporte caracterizam **situações informais**” (p. 58).

“Esses usos, que se referem a **quantificadores**, pertencem a um **registro mais distenso e são considerados erros pela gramática normativa**” (p. 233).

“# Num registro bem popular, há casos de verbo no indicativo” (p. 297).

“Essa “negação dupla” ocorre especialmente em linguagem mais popular e regional” (p. 299).

“É desse tipo a **expressão fixa** popular. “Não dar a mínima”, que significa não dar nenhuma importância” (p. 310).

“# *Não tem justificativa* o emprego de **CUJO** iniciando constituinte de valor *locativo*, como ocorre nesta passagem da literatura jornalística: *A região vem passando por uma transformação urbanística com a desocupação dos galpões e antigas casas, em cujos locais há grandes possibilidades de surgirem empreendimentos* (FSP). A indicação locativa dentro do constituinte relativo *teria de ser* expressa por **ONDE** ou **EM QUE/NO QUAL**” (p. 369).

“# Ocorrem casos de introdução *indevida de* **preposição** antes de pronome relativo que funciona como *objeto direto*, que não encontra nenhuma explicação na **estrutura argumental do verbo**”. *Para ficar no bairro onde mora desde criança, excetuando-se os períodos em que passou fora do país, Cléo gastou R\$ 120 mil que levantou com a indenização na compra de sua nova casa* (FSP).

2.5 Les exemples

“No caso de ter sido usado o **verbo pleno** (RIU), a retomada do referente textual pelo substantivo abstrato correspondente *não seria tão adequada*”:

E então RIU e soltou a injúria suprema. O RISO provocou o descontentamento das pessoas ali presentes (p. 61).

“Chico faz uma saudação à mulher, que vem entrando, com dois pacotinhos de dinheiro e sai (AC)”. Comparando-se, por exemplo, o último enunciado com um correspondente de **verbo pleno**: Chico **saúda a mulher**, que vem entrando, com dois pacotinhos de dinheiro e sai (p. 59).

“Observe-se, por exemplo, que, nas **orações com verbos implicativos negativos**, não podem ocorrer **indefinidos negativos**”. *Há interesse em **EVITAR nenhum** incidente público. *Você **DEIXOU DE ser nenhum** grande escritor verdadeiramente.

2.6 Grammaire d’usages et grammaire “traditionnelle normative”:

“... para maior utilidade do consulente comum a norma de uso é invocada comparativamente, de modo a informar sobre as restrições que tradicionalmente se fazem a determinados usos atestados e vivos” (p. 14).

Quanto à regência particular do verbo *esquecer* (-se), cabe observar que, de acordo com as lições da gramática tradicional, esse verbo...” (p. 41).

“É com base nessa característica que a gramática tradicional assenta a sua definição de **substantivo** como “a palavra que designa ou nomeia os seres”. **De fato**, considerados... (p. 68).

“... faz que esses **substantivos** sejam recategorizados como adjetivos na apresentação das gramáticas e dos dicionários” (p. 178).

“Quando se referem a **número plural**, esses **nomes** devem pluralizar-se, segundo as normas da gramática tradicional. Entretanto é frequente que o plural venha indicado apenas pelos elementos que acompanham esses nomes (os **adjuntos adnominais**)” (p. 107).

“# Embora a recomendação da gramática tradicional normativa, nesses casos, seja que o **substantivo** empregado para referência plural receba a marca de plural, é comum que a pluralização seja feita apenas pelo **determinado**” (p. 110).

“# Quando se referem a número plural, nem sempre esses **substantivos** se pluralizam, sendo o plural indicado apenas pelos elementos que os acompanham (**determinantes**, por exemplo), o que contrária as recomendações da gramática tradicional normativa” (p. 113).

“Encontram-se, entretanto, casos restritos de **advérbio** flexionado em **gênero e número**. Esses usos, que se referem a **quantificadores**, pertencem a um registro mais distenso e são considerados erros pela gramática normativa:” (p. 233).

“Recomenda a gramática tradicional normativa que se use no singular o substantivo determinado pela expressão *um e outro*. Entretanto, o plural é bastante usado (p. 117).

“# Entretanto, contrariamente ao que recomenda a gramática normativa tradicional, a construção também ocorre sem **artigo** (p. 404).

“# A recomendação da gramática normativa é que os sobrenomes assim usados se pluralizem, mas isso nem sempre acontece, usando-se, muitas vezes, no plural, apenas o **artigo definido**” (p. 406).

“Se o **sujeito da oração completiva infinitiva** é um **pronome pessoal**, ele toma a forma **oblíqua**, segundo as normas da gramática tradicional, mas é bastante ocorrente, na linguagem coloquial, a forma reta:” (p. 353).

“O comparativo de superioridade de bem ou mal pode ser sintético (...) ou analítico (...), embora a gramática normativa recomende o emprego do comparativo analítico” (p. 281).

“Essa construção não é bem-aceita pela gramática normativa” (p. 359). (o caso de “gostar que”).

“Por outro lado, com o **verbo fazer**, que rege objeto direto, pode ocorrer que o complementador seja precedido da **preposição COM**, o que não é recomendado pela gramática normativa. (p. 359).

“# A gramática tradicional coloca esses advérbios como **conjunções coordenativas (adversativas e conclusivas**, respectivamente), admitindo, assim, orações **coordenadas sindéticas conclusivas**. Na verdade, são elementos em processo de gramaticalização”. (p. 241).

A gramática tradicional não se mostra sensível à diferença entre as subcategorias **contável** e **não-contável** dos **substantivos** [com o verbo pedir]. Entretanto, são várias as propriedades que distinguem essas duas subcategorias” (p. 82).

“# O substantivo *jângal* é apontado como masculino nos dicionários, mas só ocorre no feminino” (p. 154).

“# Embora o Formulário ortográfico prescreva o uso de hífen nesses casos, verifica-se que a grafia varia:” (p. 175, 179).

2.7 Quatre caractéristiques de la grammaire de Neves:

– le type de grammaire d’usages: non pas une grammaire de la norme usuelle, de la fréquence d’usage, mais une grammaire plutôt linguistique de description et d’explication des usages;

– une grammaire fonctionnaliste, qui présente clairement sa fondation théorique ;

– une grammaire qui examine la langue vivante, en fonctionnement dans les discours et dans l’interaction entre les sujets;

– une grammaire qui montre que les différents usages ne sont pas corrects ou incorrects, mais qu’ils existent et qu’ils produisent des effets de sens différents dans les discours.

3. Références bibliographiques

- ALÉONG, Stanley (s/d). Normes linguistiques, normes sociales, une perspective anthropologique. In : BÉDARD, E. et MAURIS, J. (éd.). *La norme linguistique*. Paris: Le Robert.
- ARGOTE, J. C. de (1721). *Regras da lingua portugueza, espelho da língua latina ou disposiçam para facilitar o ensino da língua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa, Officina de Mathias Pereira da Silva.
- AUROUX, Sylvain (1988). *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- BARBOZA, J. S. (1830). *Grammatica philosophica da língua portugueza*, 3ª ed. Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias (1ª edição de 1822).
- BARROS, Diana Luz Pessoa de (1999). Variação e norma na língua falada: estudo de duas gramáticas. In: Barros, Kazuê (1999). *Produção textual. Interação, processamento, variação*. Natal: EDUFRN, p. 21-33.
- _____ (2001). O discurso da norma na gramática de João de Barros. *ALFA*, v. 45, p. 11-32.
- _____ (2002). O discurso da norma na gramática de Fernão de Oliveira. *Línguas e instrumentos lingüísticos*, nº 7, p. 7-21.
- _____ (2005). O discurso da gramática: imagens da norma e da língua. *Lingüística*, v. 17, 95-113.
- _____ (2008) Linguagem popular na gramática e no dicionário. *Investigações*. Linguística e Teoria Literária, v.21, nº 2.
- BARROS, João de (1957). *Gramática da língua portuguesa*. 3ª ed. organizada por José Pedro Machado, Lisboa (1ª edição de 1540).
- _____ (1971). *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, gramática, dialogo em louvor da nossa linguagem e dialogo da viciosa vergonha*. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1ª edição de 1540).
- BLIKSTEIN, Izidoro (1992). Indo-europeu, Lingüística e ... racismo. *Revista da USP*, nº 14: 104-110.
- _____ (2002). Linguistique, Indo-Européen et Racisme. *Cahier International Du Centre D’Études et de Documentation de la Fondation Auschwitz*. Bruxelas, Bélgica, p. 85-98.
- BUESCU, M. L. C. (1978). *Gramáticos portugueses do século XVI*. Biblioteca Breve, vol. 18, Lisboa. Instituto de Cultura Portuguesa.
- CHAUÍ, Marilena de Souza (1993). *Racismo e cultura*. Aula inaugural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. FFLCH-USP, São Paulo, 16p.
- COLLINOT, A. de MAZIÈRE, F. (1997). *Un prêt à parler : le dictionnaire*. Paris, PUF.
- CORUJA, Antonio A. P. (1873). *Compendio da grammatica da língua nacional*. Rio de Janeiro, T. Esperança (1ª edição de 1835).
- CUNHA, Celso (1970). *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares.

- _____ (1972). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Material Escolar – MEC.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FIORIN, José Luiz (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.
- _____ (1996). *As astúcias da enunciação*. São Paulo, Ática.
- _____ (2004). O Éthos do enunciador. In: CORTINA, A., MARCHEZAN, R.C. (orgs.) (2004). *Razões e sensibilidade: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora
- GOMES, Augusto Alfredo (1915). *Grammatica Portugueza*, 16ª edição, Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves (1ª edição de 1887).
- GREIMAS, Algirdas Julien (1983). *Du sens II*. Paris, Éditions du Seuil.
- _____ (s/d). *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix (edição francesa de 1979).
- GUIMARÃES, Eduardo (1994). Sinopse dos estudos do português do Brasil. *Relatos*. Publicação do Projeto História das idéias lingüísticas, nº 1.
- _____ (1997). História da gramática no Brasil e ensino. *Relatos*. Publicação do Projeto História das idéias lingüísticas, nº 5.
- LEITE, Marli Quadros (2007). O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma. São Paulo: Humanitas/Paulistana.
- MACIEL, Maximino de Araújo (1887). *Grammatica analytica*. Rio de Janeiro: Typ. Central.
- _____ (1996). Breve retrospecto sobre o ensino da língua portuguesa. Prólogos à Grammatica Descriptiva. *Relatos*. Publicação do Projeto História das idéias lingüísticas, nº 3.
- OLIVEIRA, Fernão de (1936). *Grammatica da linguagem portuguesa*, 3ª ed. por Rodrigo de Sá Nogueira, Lisboa (1ª edição de 1536).
- _____ (1975). *Gramática da linguagem portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa nacional. Casa da Moeda (1ª edição de 1536).
- ORLANDI, Eni (1997). O estado, a gramática, a autoria. *Relatos*. Publicação do Projeto História das idéias lingüísticas, nº 4.
- PACHECO DA SILVA, Manuel (1878). *Grammatica histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Hazlett.
- PACHECO DA SILVA e LAMEIDA DE ANDRADE (1894). *Grammatica da língua portuguesa*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves (1ª edição de 1887).
- PEREIRA, Eduardo Carlos (1907). *Gramática expositiva*. São Paulo, Weiszflog Irmãos.
- REIS LOBATO, Antonio José dos (1837). *Arte da grammatica da língua portuguesa*. 1ª edição de Paris, Paris: Livraria Portugueza de S. P. AILLAUD (1ª edição de 1770).
- RIBEIRO, João (1904). *Grammatica portugueza*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves (1ª edição de 1887).
- _____ (1930). *Grammatica portugueza*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves (1ª edição de 1887).
- RIBEIRO, Júlio (1881). *Grammatica portugueza*. São Paulo: Typ. De Jorge Seckler..
- ROBOREDO, A. de (1619). *Methodo grammatical para todas as línguas*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- ROCHA LIMA (1962). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 7ª edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia. Editores (1ª edição de 1957).
- SAID ALI, M. (1931). *Grammatica histórica da língua portuguesa*. 2ª edição. São Paulo. Comp. Melhoramentos (1ª edição de 1908).